

UMA AMOSTRA CERÂMICA DO CHAPADÃO DOS PARECIS, MT
A CERAMIC SAMPLE FROM THE CHAPADÃO DOS PARECIS, MT

Pedro Ignácio Schmitz
Fernando Ribas
Ranieri Hirsch Rathke

Vol. XIII | n°25 | 2016 | ISSN 2316 8412



Uma amostra cerâmica do Chapadão dos Parecis, MT

Pedro Ignácio Schmitz¹

Fernando Ribas²

Ranieri Hirsch Rathke³

Resumo: Os autores estudam uma amostra de cerâmica proveniente da Fazenda Luar do Sertão, no Chapadão dos Parecis, alta bacia do rio Juruena, MT. Depois de breve análise técnica da coleção, eles a contextualizam em termos de cultura e especulam a respeito do grupo étnico que a tenha produzido. A cerâmica é classificada como da tradição Uru, atribuída a grupos indígenas cultivadores de mandioca nos cerrados do Centro-Oeste Brasileiro. Um desses grupos, que deram o nome à região, são os Pareci, do tronco linguístico Arawak. A pequena amostra pode tornar-se útil como testemunho arqueológico para um espaço mal conhecido do Mato Grosso.

Palavras-chave: Chapadão dos Parecis. Cerâmica. Tradição Uru. Grupo étnico Pareci.

Abstract: The authors study a ceramic sample received from Fazenda Luar do Sertão, Chapadão dos Parecis, on the upper basin of Juruena river, MT. After a brief technical analysis, they contextualize the collection culturally and speculate about the ethnic group who produced the ware. The ceramic is classified in the Uru tradition, attributed to the native manioc cultivators of the tropical savanna of Midwestern Brazil. One of these populations, whose name identifies the region, is the Pareci, of the Arawak linguistic stock. The little ceramic sample may turn out to be useful as testimony to the occupation of a great insufficiently known space of Mato Grosso.

Key-words: Chapadão dos Parecis. Ceramics. Uru tradition. Pareci ethnic group.

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é uma coleção de cerâmica proveniente da Fazenda Luar do Sertão, no Chapadão dos Parecis, alta bacia do rio Juruena, um espaço sem pesquisa arqueológica publicada no Mato Grosso.

Para outras bacias fluviais do Estado, tanto do conjunto platino, como do amazônico, existem trabalhos significativos (OLIVEIRA e VIANA 1999-2000), dos quais indicamos alguns. Para a do rio Juruena, afluente do rio Paraguai, na fronteira com a Bolívia: Martins e Kashimoto (1999), Funari e Oliveira (2000), Pestana (2014). Para a do rio Paraguai, formador do Pantanal: Migliacio (2000). Para a do rio Cuiabá, afluente do Paraguai: Wüst (1974, 1990), Vilhena Vialou (2005, 2006), Viana (2006). Para a do Araguaia: Robrahn González (1996). Para a do Xingu: Simões (1967), Simonsen e Oliveira (1976), Becquelin (1993), Heckenberger

¹ Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil. PPG História. Pesquisador sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC-CNPq), Brasil. História.

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (PROBIC-FAPERGS). História.

(1998). Para a do Guaporé: Miller (1983), Wüst (2001), Fogaça, Sampaio e Moraes (2003). Estes trabalhos referem-se principalmente a grupos ceramistas de diversas tradições. Em quase todos se registra a presença da tradição cerâmica Uru, que também identifica a coleção em análise. Esta coleção vem preencher um espaço para o qual ainda não tinha sido registrada a tradição Uru, isto é, a bacia do rio Juruena, afluente do Amazonas.

A coleção será brevemente analisada do ponto de vista técnico, depois contextualizada em termos culturais e étnicos, podendo tornar-se útil como testemunho arqueológico de um espaço mal conhecido.

A coleção vem da fazenda Luar do Sertão, pertencente a Edmar Kurt Ziech, localizada em torno de 40 km da sede do município de Campos de Júlio (13°53'58" S e 59°08'51" W), na bacia do rio Formiga, afluente do Juína, que desemboca no rio Juruena pela margem esquerda, médio-norte do estado de Mato Grosso, microrregião do Chapadão dos Parecis (Planalto dos Parecis). (Figura 01).

Este é o centro do Chapadão, com altitude entre 500 e 600 m. Este se inclina suavemente para o norte, para onde fluem suas águas, terminando no Amazonas. O Chapadão é fechado no sul por altas rampas, a partir das quais as águas fluem em direção ao Pantanal do rio Paraguai. O relevo geral da região dos altos afluentes do rio Juruena é plano a suavemente ondulado.

Na região existiam originalmente as seguintes fitofisionomias florestais: Floresta ciliar, Floresta Estacional e Savana floresta (cerradão).

Floresta ciliar apresenta vegetação composta por três estratos: arbóreo, arbustivo e herbáceo. O relevo em que ela se encontra vai de sem declividade até declividade acentuada (40°). O solo tem textura argilosa, sem pontos descobertos. A profundidade da camada de serapilheira varia entre 20 e 30 cm.

O Cerradão está localizado em ambas as margens do rio Formiga e a vegetação é composta de três estratos bem definidos. O relevo é sem declividade ou baixa declividade (em torno de 5°). O solo tem textura arenosa e coloração amarelada. A profundidade da camada de serapilheira varia entre 10 e 15 cm.

A Floresta Estacional, semidecídua, possui três estratos, com destaque para a cobertura do solo por pteridófitas, musgos, lianas e epífitas. O dossel apresenta alta densidade, com ausência de clareiras. Não ocorrem pontos de solo descoberto. O relevo apresenta declividade média, em torno de 25°. O solo tem textura areno-argilosa; a profundidade média da camada de serapilheira é de 17cm.

A imagem de satélite (Google Earth, consultado dia 30.04.15) mostra que a região foi intensamente modificada, em tempo recente, pela implantação uniforme de grandes fazendas de plantação de soja, as quais mantêm a vegetação original somente ao longo dos cursos de água; todo o resto do terreno é uniformemente cultivado. A fazenda Luar do Sertão é uma dessas fazendas.

A temperatura média anual em Campos de Júlio é de 21,1°C. A pluviosidade média anual é de 1922 mm, com uma estação de chuvas e outra sem chuvas.

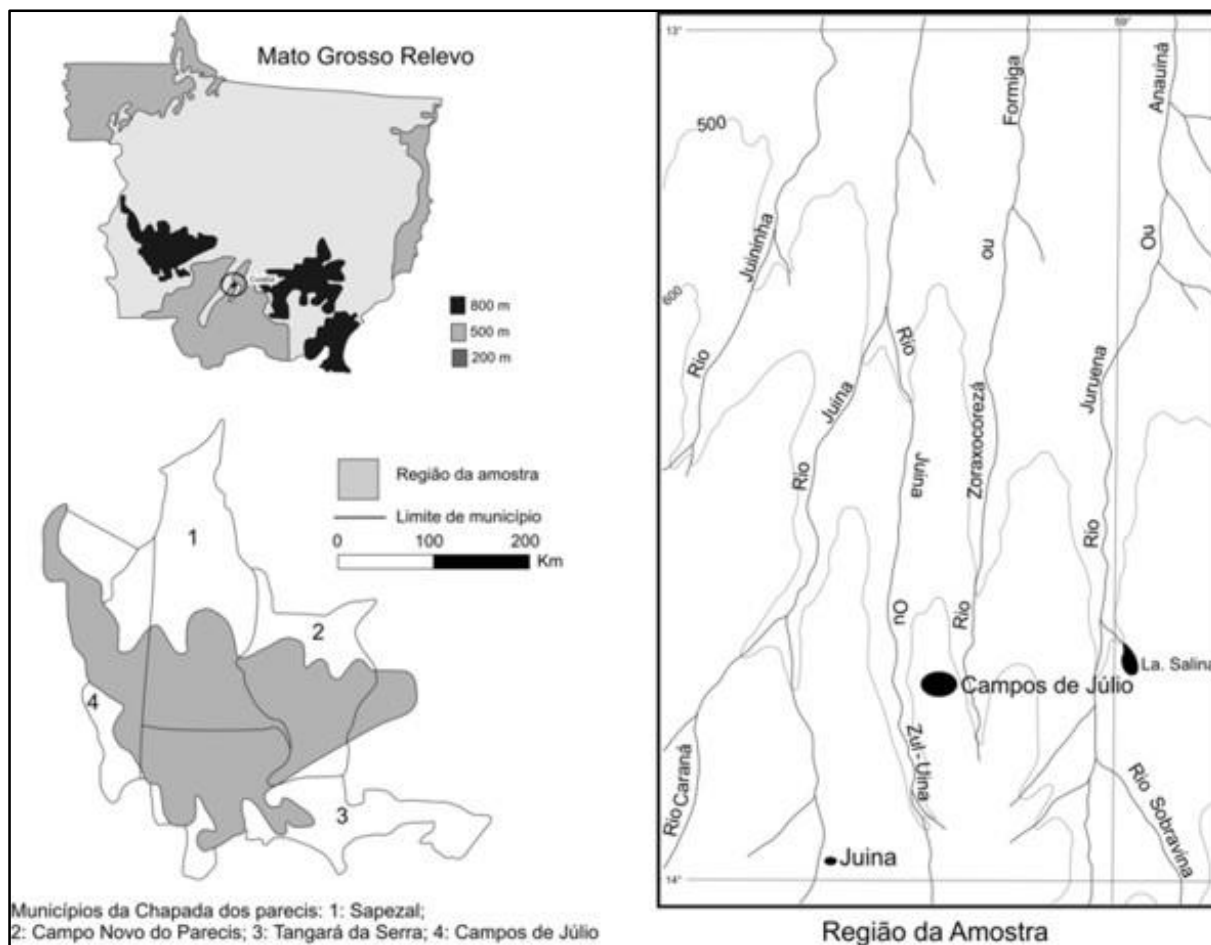


Figura 01: Localização da área da qual provém a amostra.

O MATERIAL

A coleção compõe-se de 117 peças, representadas por 71 fragmentos de bordas, bojos e bases simples, 40 fragmentos de bordas, bojos e bases pintados e 6 pedaços de suportes de panela. Todo o material está bem conservado, com diversas fraturas recentes, provavelmente criadas pelo trator numa primeira remoção da vegetação original; não se percebe nenhum tipo de erosão provocada por longa exposição à intempérie, ou resultante de atrito por cultivos ou pisoteio de animais. A tabela 01 mostra o tamanho dos fragmentos. Não acompanha nenhum material lítico.

Tabela 01: tamanho dos fragmentos.

Tamanho	Pintados	Simples
2,5 a 5 cm	7	7
5 a 7,5 cm	18	31
7,5 a 10 cm	5	20
Mais que 10 cm	9	12

De bordas, 22 são de acabamento simples, 1 simples com apêndice em orelha, 1 simples com apêndice retangular inciso e borda serrilhada, 5 são vermelhas. Das bases, 12 são simples, 4 vermelhas, 1 preta, 2 são pratos.



Figura 02: Fragmentos de bordas e bases da cerâmica.

Os simples, os pintados de vermelho e os pintados de preto seguem a mesma técnica de manufatura, razão por que não criamos tipos diferentes, apenas indicamos e descrevemos as diferenças observadas.

Manufatura: Os fragmentos quebraram de forma irregular. Só excepcionalmente se nota uma fratura horizontal ao longo do rolete, numa vasilha que talvez seja intrusiva. Diversos fragmentos indicam justaposição de placas que se manifestam como rachaduras verticais, vácuos verticais, ou fissuras, assemelhando-se ao que Schmitz *et al.* (1982, p. 120) representaram para a fase Aruanã. A construção dos reforços na borda e na base em pedestal também manifesta sobreposição ou acréscimo de massa em cima da primeira formação, apresentando, muitas vezes, descontinuidade entre ambas as açõs.

Antiplástico: é cariapé B (SCHMITZ *et al.* 1982), geralmente de grãos irregulares, angulosos, bem visíveis a olho desarmado na superfície e nas quebras; outras vezes mais fino e diluído na pasta, pouco visível a olho desarmado, mas bem visível sob a lupa binocular, com aumento de 10X; o antiplástico está densamente distribuído na pasta.

A pasta pode ser regular e compacta, bem amassada, mas geralmente ela é mal amassada, irregular, com numerosos vazios, fissuras e bolhas. A sobreposição de placas, mal aderidas, também ajuda para esta impressão.

O alisamento das paredes geralmente é bom, às vezes muito bom; os contornos estão bem definidos; estrias de alisamento aparecem principalmente na face interna; nela também são bastante comuns superfícies rugosas consequência de alisamento com um tecido ou trançado, que deixou marcas típicas como água encrespada. As bases costumam ser mais rugosas, com impressões variadas, irregulares, produzidas pelo suporte sobre o qual foram apoiadas por ocasião da feitura. As vasilhas pintadas costumam apresentar as superfícies externas bem alisadas.

A cor da parede interna e externa não pintada, no fator 7,5YR, é de 6/6 (Reddish Yellow) e 6/2 (Pinkish Gray) e no fator 10YR, de 7/4 (Very Pale Brown) e 6/2 (Light Brownish Gray). (Munsell Soil Color Charts, 1975).

A cor da parede externa pintada de vermelho, no fator 2,5 YR, varia entre 3/4 (Dark Reddish Brown) a 4/4 (Reddish Brown) e 4/6 (Red).

A cor da parede externa pintada de preto, no fator 2.5 YR é N 2,5/0 (Black). A pintura forma uma camada espessa e uniforme, bastante resistente ao desgaste.

A cor da parede interna dos pintados, no fator 7,5 YR, é de 6/6 (Reddish Yellow) e, no fator 10YR, de 7/4 (Very Pale Brown).

A queima é oxidante incompleta com largos núcleos escuros e pequenas paredes mais claras.

Dureza: 3 na escala de Mohs.

A maior parte das bordas indica vasilhas de bordas levemente infletidas, verticais ou levemente inclinadas para dentro ou para fora, reforçadas externamente, com bases levemente salientes, ou em pedestal, formando recipientes com pequena profundidade, semelhantes a bacias ou gamelas; mais raramente vasilhas com borda não reforçada, introvertida; bases aplanadas ou levemente convexas. Pratos rasos, com borda apenas esboçada são exceção. O lábio é plano, em bisel assimétrico, ou um pouco arredondado (Figuras 03 e 04).

A espessura das paredes numa amostra de 70 fragmentos sem pintura é a seguinte: de 0,5 a 0,75 cm = 4 fragmentos; de 0,75 a 1 cm = 16 fragmentos; de 1 a 1,25 cm = 32 fragmentos; de 1,25 a 1,5 = 12 fragmentos; de mais de 1,5 cm = 6 fragmentos.

A espessura das paredes numa amostra de 39 fragmentos com pintura é a seguinte: 0,5 a 0,75 = 2 fragmentos; de 0,75 a 1 cm = 12 fragmentos; de 1 a 1,25 = 5 fragmentos; de 1,25 a 1,5 = 4 fragmentos; de mais de 1,5 cm = 16 fragmentos.

A abertura da boca varia entre aproximadamente 30 cm e 90 cm, sendo mais comuns as aberturas ao redor de 40 cm. A abertura da boca é circular.

Os apêndices não são frequentes na amostra: existe um, em orelha, que forma continuidade com a borda, e outro, um anexo retangular junto à boca, com borda serrilhada e incisões retilíneas na superfície.

Marcas de utilização: A parede interna, junto à base, algumas vezes está áspera, erodida; o lábio, especialmente sua borda externa mais frequentemente apresenta desgaste por atrito, marcas que aparecem mais claramente nas vasilhas pintadas, onde a pintura e às vezes também a massa apresentam desgaste. Não se observaram crostas de resíduos alimentares.

Os suportes de panela, cilíndricos, são produzidos com a mesma pasta dos recipientes e não apresentam pintura; a base de uma delas mostra impressões lineares convergentes que poderiam resultar de uma pequena esteira circular (Figura 5).

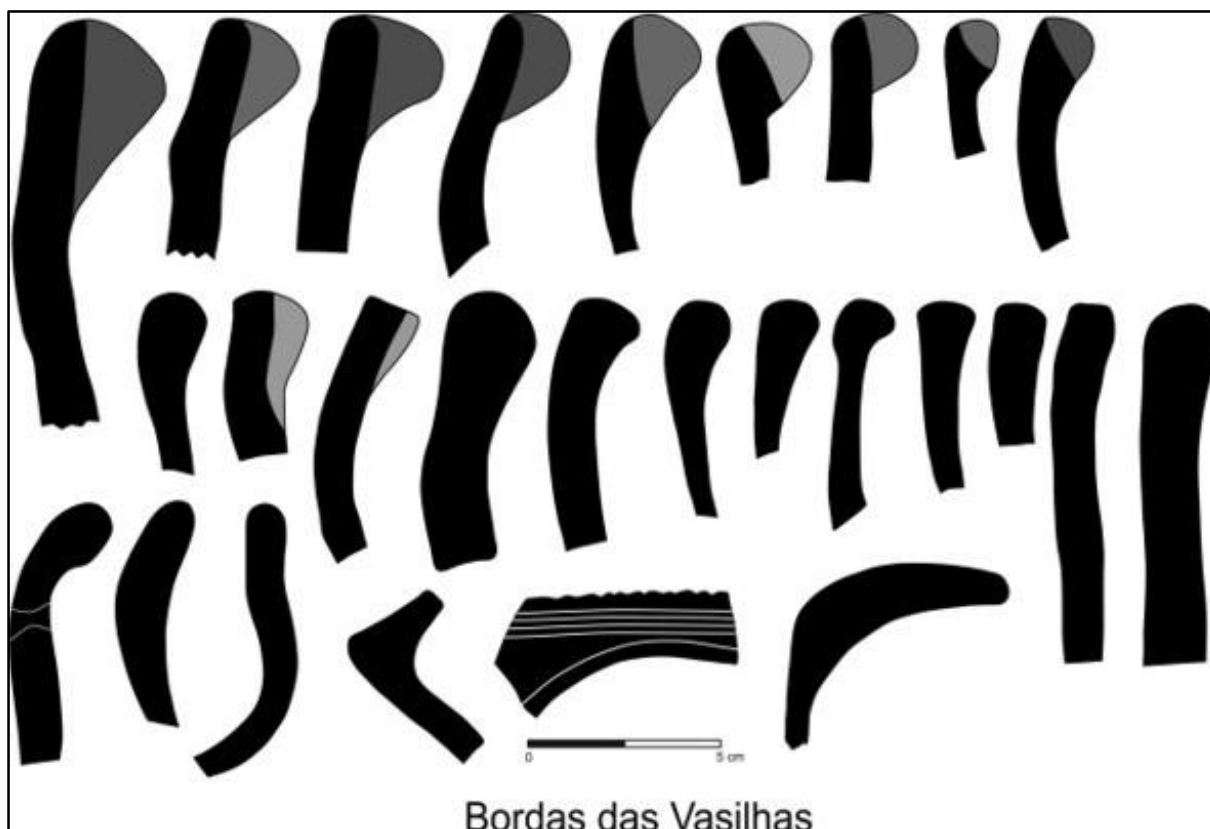


Figura 03: Bordas.

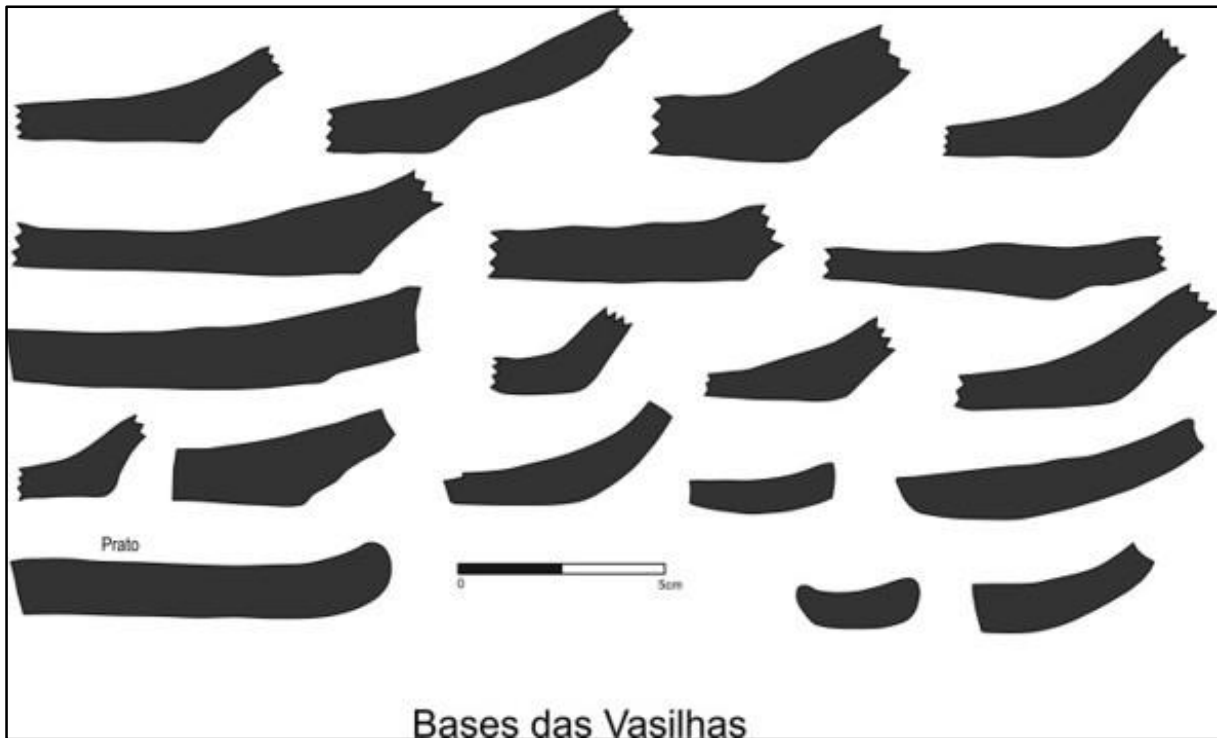


Figura 04: Bases.

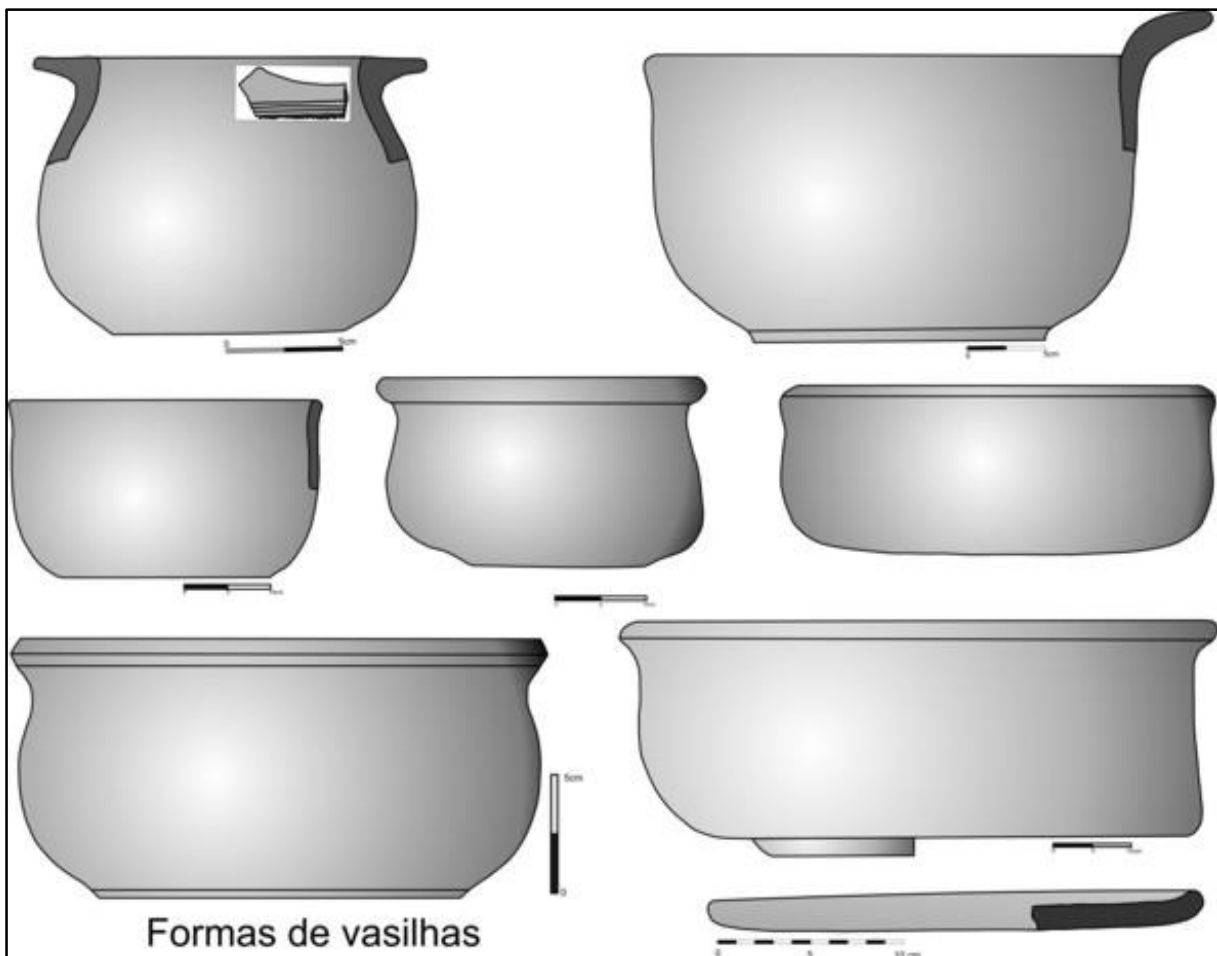


Figura 05: Modelos de formas.



Figura 06: Suportes de panela.

DISCUSSÃO

A cerâmica tem as características básicas da tradição Uru na composição da pasta, no uso do cariapé como tempero, na construção das paredes, na forma e tamanho dos recipientes e nos suportes de panela (SCHMITZ *et al.* 1982; SCHMITZ e SALES BARBOSA 1984; WÜST 1990; ROBRAHN GONZÁLEZ 1996; VIANA 2006).

A tradição se estende, por cima do planalto central, da bacia do Tocantins-Araguaia, no centro do Brasil (SCHMITZ *et al.* 1982), até o rio Jauru, da bacia do Paraguai, na fronteira do país com a Bolívia (PESTANA 2014). Ela ocupa áreas de diversidade e tensão vegetal nos cerrados centro-ocidentais do Brasil, ambiente do qual provém à amostra. Por suas características, costuma ser associada a grupos étnicos que têm no cultivo e manipulação da mandioca amarga um elemento importante de sua economia. As vasilhas da coleção se assemelham às dos indígenas do Alto Xingu estampadas no artigo de Lévi-Strauss (1963a): fig. 28 e 31,

produto que inicialmente era característico de grupos Arawak, mas que posteriormente foi assumido por outras etnias, que passaram a ser seus principais fornecedores. Não temos documentos para inserir a cerâmica da amostra numa coluna cronológica, nem para associa-la a um grupo étnico determinado. São nossas deficiências para contextualiza-la adequadamente. Mesmo assim tentamos tomando como apoio e referência os grupos étnicos que, em tempos históricos viveram na área.

Olhando o mapa etnográfico de Nimuendajú (1981) vê-se que na região havia dois grandes grupos étnicos, produtores de cerâmica: os de língua Nambikuara (LOUKOTKA 1968), uma população predominantemente caçadora e coletora, e os de língua Pareci, do tronco linguístico Arawak (LOUKOTKA 1968), cultivadores, que deram o nome à região: Chapadão dos Pareci.

Os Nambikuara, segundo Lévi-Strauss (1963a: 321-348), teriam seu território entre 10º e 15º de latitude Sul e 57º e 61º de longitude Oeste e, até o contato com os europeus, teriam sido numerosos. O autor, usando critérios linguísticos, distingue três grupos principais: os Nambikuara do leste; os do nordeste, centro e sul; e os do oeste.

A cultura dos Nambikuara, segundo o mesmo autor (1963b: 362) é impressionantemente simples quando comparada com a dos vizinhos Pareci e Tupi-Cawahib. Eles não têm redes, dormindo no chão; produzem cerâmica tosca, quando produzem; ambos os sexos andam nus; são nômades, usando abrigos temporários durante a maior parte do ano; a pobreza geral de sua cultura material e a simplicidade de sua organização os diferencia das culturas mais desenvolvidas da área do rio Guaporé à qual, entretanto, provavelmente pertencem.

Seu habitat é um baixo planalto, arenoso, com vegetação de cerrado, sem fertilidade, com exceção das florestas de galeria ao longo dos rios. Nesse ambiente, eles têm um duplo padrão de subsistência: durante a estação seca as mulheres e crianças coletam enquanto os homens vão à busca de caça maior. Na estação das chuvas eles se estabelecem em aldeias temporárias e os homens abrem roças circulares na floresta de galeria, onde cultivam mandioca amarga e doce, variedades de milho, feijões, cabaças, algodão, urucum e tabaco. Também pescam.

Os Nambikuara do leste não produziam cerâmica. Nos outros grupos as mulheres faziam grosseiras vasilhas de formas variadas. Para isto, elas temperavam a argila com cinzas, queimavam as vasilhas a céu aberto, e as lavavam com uma infusão feita com casca resinosa, enquanto ainda estavam quentes.

Todas estas características nos levam a não atribuir aos Nambikuara à produção da cerâmica da amostra.

No mesmo ambiente geral também viviam os Pareci. Segundo Métraux (1963), os Pareci, junto com os Mojo e os Chané, representam o ramo mais meridional da família linguística Arawak. No Mato Grosso eles se localizariam ao redor de 58º e 59º de longitude Oeste e 15º de latitude Sul, divididos em três grupos. Antes do contato com o europeu eles teriam sido numerosos. No século XVIII eles estiveram muito expostos

aos bandeirantes buscadores de escravos e de ouro, no século XIX aos seringueiros, posteriormente foram aldeados e introduzidos na civilização ocidental.

Os Pareci do século XVIII, que, segundo o autor, provavelmente viviam mais para o norte, tinham grandes campos de milho, feijão, batata doce e ananás. Os campos silicosos mais ao sul, ocupados posteriormente, são menos férteis, sendo úteis para o cultivo apenas as florestas de galeria ao longo dos cursos de água. Os Pareci nesse tempo cultivavam mandioca amarga e doce, milho, feijões, batata doce, cará, tabaco e algodão e recolhiam frutas variadas. Também caçavam e pescavam.

A carne era assada em grelhas apoiadas sobre quatro estacas; a mandioca era ralada, peneirada e assada em torradores. Cabaças e peneiras eram usadas como garrafas, tigelas e copos.

As aldeias dos antigos Parecis reuniam de 10 a 30 cabanas redondas, em forma de forno, as quais mediam de 10 a 13 m de diâmetro. No começo do século XX as aldeias consistiam somente de uma ou duas casas comunais, de planta oval e teto em cúpula, cobertas com folhas até o chão; abrigavam uma média de seis famílias. As cabanas tinham em média 7,6 m de comprimento 5,4 m de largura e 3,6 m de altura.

Nelas dormiam e descansavam em redes de algodão ou de fibras de tucumã; vestiam-se minimamente, mas se adornavam muito.

Os Pareci recentes, ao contrário de outras populações Arawak, possuíam uma cerâmica tosca, que temperavam com cinza de casca de 'katipe' (cariapé, ou caripé) e um pó ferruginoso, comum na área.

Nas aldeias havia chefes e xamãs. Os habitantes das mesmas visitavam-se frequentemente e mantinham ativas relações comerciais para o que o território era cruzado por veredas ligando os assentamentos. Não tinham canoas.

Pelos dados acima, existe a possibilidade, não certeza, de que a cerâmica estudada provenha de um assentamento Pareci, da família linguística Arawak. Como se indicou mais acima, inicialmente este tipo de cerâmica era produzido principalmente por etnias desta família linguística, mas posteriormente outra etnia se tornou a fornecedora, para todos os grupos, do produto agora conhecido como cerâmica do Alto Xingu. Ela é característica de grupos que, no variado ambiente do cerrado, têm a base da economia em cultivos variados, entre os quais a mandioca amarga, com seu típico tratamento para produção de farinha e beiju.

Marlon Pestana (2014), em estudo arqueológico do vale do rio Jauru, na fronteira do Brasil com a Bolívia, mostra como poderia ser o sistema de assentamento de um grupo indígena da tradição cerâmica Uru: aldeias densas e estáveis, para cultivo, na proximidade do rio, onde a mata de galeria é fechada, o solo úmido e fértil, e assentamentos temporários pouco densos, para coleta e caça, nos terrenos planos e ascendentes próximos, onde predomina a vegetação de cerrado.

CONSIDERAÇÃO FINAL

A reunião dessas informações, mesmo que não proporcione certeza a respeito da etnia dos produtores, mostra a existência de populações cultivadoras da tradição Uru nos chapadões cobertos por cerrados da alta bacia do rio Juruena, região para a qual não havia informações. É neste sentido que os autores se sentem gratificados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECQUELIN, Pierre. Arqueologia xinguana. IN: COELHO, Vera P. (org). *Karl von den Steinen, um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 225-232.
- FOGAÇA, Emílio; SAMPAIO, D.; MORAES, C. (orgs). *Projeto de resgate do patrimônio arqueológico na área diretamente afetada pela UHE-Guaporé, MT*. Relatório final. Goiânia: Consórcio Rede, Griffus, UCG/IGPA, 2003.
- FUNARI, Pedro P. A.; OLIVEIRA, Nanci V. *Arqueologia em Mato Grosso*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.
- HECKENBERGER, M. Manioc agriculture and sedentarism in Amazonia: the Upper Xingu example. *American Antiquity*, v. 72, n. 277, p. 633-647, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. The tribes of the Upper Xingu River. IN: STEWARD, J. *Handbook of South American Indians*, v. 03, 1963a, p. 321-348.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. The Nambicuara. IN: STEWARD, J. *Handbook of South American Indians*, v. 3, p. 361-370, 1963b.
- LOUKOTKA, Cestmir. *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: University of California, 1968.
- MARTINS, Gilson R.; KASHIMOTO, Emília. Projeto Salvamento arqueológico na área impactada pelo Gasoduto Bolívia-Mato Grosso, trecho brasileiro. *Revista CLIO (Série Antropologia)*. Recife, v. 1, p. 353-363, 1999.
- MÉTRAUX, Alfred. The tribes of Mato Grosso and eastern Bolivia. The Paressi. IN: STEWARD, J. *Handbook of South American Indians*, v. 03, 1963, p. 349-360.
- MIGLIACIO, M. C. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 2000.
- MILLER, E. Th. *História da cultura do Alto Médio Guaporé (Rondônia e Mato Grosso)*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 1983.
- MUNSELL COLOR. *Munsell Soil Color Charts*. Baltimore, Maryland, 1975 edition.
- NIMUENDAJU, Curt. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes adaptado do Mapa de Curt Nimuendaju 1944*. IBGE, 1981.
- OLIVEIRA, Jorge E. de; VIANA, Sibeli A. O Centro-Oeste antes de Cabral. Antes de Cabral – Arqueologia I. *Revista da USP*, 44, p. 142-189, 1999-2000.
- PESTANA, Marlon B. *Povoadores do rio Jauru*. (Tese de doutorado). São Leopoldo: UNISINOS, 2014
- ROBRAHN GONZALEZ, Érika M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Revista do MAE* 6, p. 83-121, 1996.

- ROBRAHN GONZALEZ, Érika M. *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origem e desenvolvimento*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 1996.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; SALES BARBOSA, Altair. *Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1984.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; WÜST, Irmhild; COPÉ, Sílvia M.; THIES, Úrsula M. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. *Pesquisas, Antropologia* 33, 1982.
- SIMÕES, Mário F. Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingu (Mato Grosso). *Publ. Av. Museu Paraense Emílio Goeldi*, n.6, p. 129-151, 1967.
- SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, A. P. *Cerâmica da Lagoa Miararé: notas prévias*. Goiânia: Museu Antropológico da UFGO, 1976.
- VIANA, Sibeli A. (coord). *Pré-história no vale do rio Manso*. Goiânia: Ed. da PUCG, 2006.
- VILHENA-VIALOU, Agueda (org). *Pré-história do Mato Grosso*. São Paulo: Edusp, vol. 1 (2005), vol. 2 (2006).
- WÜST, Irmhild. The eastern Bororo from an archaeological perspective. IN: ROOSEVELT, Ana (ed.). *Amazonian Indians from prehistory to the present*. Tucson & London: The University of Arizona Press, 1974, p. 315-342.
- WÜST, Irmhild. *Continuidade e mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 1990.
- WÜST, Irmhild. *Resgate dos sítios Guapé 1 e 2 na área das obras construtivas da UHE-Guaporé, MT*. Relatório final. Museu de Antropologia da Universidade Federal de Goiás, 2001.

Recebido em:17/04/2016
Aprovado em:11/05/2016
Publicado em:22/06/2016